

Travessias atlânticas: juventudes negras no Brasil e em Portugal

Cândida Andrade de Moraes^{1*} , Juliana Andrade de Moraes² 

¹ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - Brasil. ² Colégio Militar de Salvador - Brasil

*Autor de correspondência: candidamoraes@ufrb.edu.br

RESUMO

Esse artigo apresenta parte do debate sobre Juventude no Brasil e em Portugal analisadas na pesquisa de doutoramento realizada na Universidade Federal da Bahia-Faculdade de Educação (UFBA) e na Universidade de Lisboa-Instituto de Ciências Sociais (ICS) entre os anos de 2013 e 2017 (MORAES, 2017). Problematiza as relações entre juventude negra, políticas públicas e educação em comunidades de Salvador e Lisboa tomando como referencial estudos da Sociologia da Juventude. Através de pesquisa qualitativa com inspiração etnográfica, o estudo de caso contrasta narrativas de gestores de políticas de juventude, educadores sociais, assim como de jovens negros brasileiros, portugueses e cabo-verdianos participantes de projetos de educação social. Intenta ainda dar visibilidade a retomada de políticas públicas para juventudes negras no Brasil como estratégia de enfrentamento do Estado ao genocídio da população negra brasileira.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação social
Juventude negra
Políticas públicas

ABSTRACT

This article presents part of the debate on Youth in Brazil and Portugal analyzed in the doctoral research carried out at the Federal University of Bahia-Faculdade de Educação (UFBA) and at the University of Lisbon-Institute of Social Sciences (ICS) between 2013 and 2017 (MORAES, 2017). It problematizes the relationships between black youth, public policies and education in communities in Salvador and Lisbon, taking studies of Sociology of Youth as a reference. Through qualitative research with ethnographic inspiration, the case study contrasts narratives of youth policy managers, social educators, as well as young black Brazilians, Portuguese and Cape Verdeans participating in social education projects. It also intends to give visibility to the resumption of public policies for black youth in Brazil as a strategy for the State to face the genocide of the Brazilian black population.

KEYWORDS:

Black Youth
Public policies
Social education

RESUMEN

Este artículo presenta parte del debate sobre la Juventud en Brasil y Portugal analizado en la investigación doctoral realizada en la Universidad Federal de Bahía-Faculdade de Educação (UFBA) y en la Universidad de Lisboa-Instituto de Ciencias Sociales (ICS) entre 2013 y 2017 (MORAES, 2017). Problematiza las relaciones entre la juventud negra, las políticas públicas y la educación en comunidades de Salvador y Lisboa, tomando como referencia los estudios de Sociología de la Juventud. A través de una investigación cualitativa con inspiración etnográfica, el estudio de caso contrasta narrativas de gestores de políticas de juventud, educadores sociales, así como de jóvenes negros brasileños, portugueses y caboverdianos que participan en proyectos de educación social. También pretende dar visibilidad a la reanudación de las políticas públicas para la juventud negra en Brasil como estrategia de Estado para enfrentar el genocidio de la población negra brasileña.

PALABRAS-CLAVE:

Educación social
Juventud negra
Políticas públicas

1- INICIANDO AS TRAVESSIAS: ENTRE O LUTO PERMANENTE E A LUTA ESPERANÇOSA

Esse texto é escrito num dos momentos mais esperançosos do Brasil, a retomada da política pública para juventude negra que havia sido paralisada nos últimos anos pela política de Estado fascista e antidemocrática coordenada pela bancada liberal na liderança do ex-presidente Jair Bolsonaro. Entre os anos de 2016, no então golpe à presidenta Dilma Rousseff, até o final do ano de 2022, com a eleição federal, a política pública de juventude, construída nos anos anteriores, foi silenciada. A chegada do presidente Luís Inácio Lula da Silva, no ano de 2023, para realizar seu terceiro mandato, é marcada pela entrada de homens negros, mulheres negras e indígenas como representantes do executivo.

O Ministério da Igualdade Racial liderado por uma mulher negra, Anielle Franco, professora, jornalista, irmã de Marielle Franco, vereadora assassinada num ato de crime político no ano de 2018; o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania tendo com ministro Silvio Almeida, advogado, professor e pesquisador, autor do livro *Racismo Estrutural* (2019); o Ministério dos Povos Indígenas, liderado por Sonia Guajajara, formada em Letras e Enfermagem, política e líder indígena, são alguns dos atos administrativos do presidente Lula que impulsionaram as políticas afirmativas e os direitos humanos no Brasil, a partir de 01 de janeiro de 2023.

No que se refere à política pública de juventude, a restituição da Secretaria Nacional de Juventude que teve início em 2005, mas foi interrompida nas suas ações estratégicas e democráticas em 2016, é retomada tendo como secretário nacional o jovem negro militante do Partido dos Trabalhadores (PT) e da União Nacional de Estudantes (UNE), Ronald Sorriso. Os objetivos expostos pelo atual secretário da juventude contemplam uma grande ação: a volta do Plano Nacional Juventude Viva, sendo nomeada na nova gestão *Juventude Negra Viva*¹, ligada à Secretaria Nacional da Presidência.

Neste terceiro mandato do governo Lula, a reformulação dos ministérios tendo como lideranças pessoas negras e indígenas que possuem trajetórias, intelectualidades e militâncias nas relações raciais e direitos humanos, impulsiona

¹ Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/presidente-lula-assina-decretos-e-institui-aco-es-nos-20-anos-das-politicas-de-igualdade-racial-no-brasil>.

os ventos de democracia num Estado que reconhece o país como racista e que convive diariamente com o genocídio da juventude negra, maior grupo etário entre negros, vítimas de arma de fogo.

Supomos que todas nós, pesquisadoras negras, temos justificativas pessoais e profissionais para eleger um fenômeno de estudo e com ele caminhar nos desafios de fazer pesquisa no Brasil. A nossa motivação para estudar juventude negra, desde 2009, quando investigamos práticas pedagógicas na perspectiva da Pedagogia Social com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em privação de liberdade (MORAES, 2011) e, ademais, na pesquisa de doutoramento na qual analisamos as experiências de jovens negros em comunidades atendidas por políticas públicas no Brasil e em Portugal (MORAES, 2017)² tem relação com morte, luto e genocídio.

Tais temas, implicados neste dossiê escrito por pesquisadoras negras e pesquisadores negros, em grande medida, circunscrevem suas experiências e existências fazendo pesquisa denúncia-anúncio em prol de suas ou outras re-existências. E é por este motivo que descrevemos parte do nosso luto por saber ser diálogo na nossa comunidade.

Perdemos o nosso irmão, aos dezoito anos, com sete tiros no corpo, sem direito a expressar sua inocência, sem poder exercer sua dignidade, talvez sem entender, ao menos, porque aquela violência o alcançava. Dessa forma, a morte tem sido, há alguns séculos, presença e pertença das famílias negras no Brasil. Aqui quem escreve são duas irmãs de um jovem negro que entrou na estatística do genocídio negro do Brasil e, apesar da dor e do nó na garganta enquanto escrevemos, este fato sempre precisa ser escrito para que não precisemos, um dia, justificar a necessidade de decolonizarmos o Estado, as políticas públicas, as universidades, os currículos e as escolas.

Para cumprir os objetivos deste texto, considerando o limite de um artigo, apresentamos alguns conceitos de juventude, tomando como referência a Sociologia da Juventude e as narrativas de gestores, educadores e jovens negros pertencentes a projetos sociais ligados a políticas públicas no Brasil e em Portugal.

² Tese de Doutorado realizada com período de estágio sanduíche no Instituto de Ciências Sociais-Universidade de Lisboa em decorrência do Programa Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) do Ministério da Educação. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25671?mode=full>

Analizamos brevemente o plano Juventude Viva e como a política alcançou em Salvador- Bahia a juventude negra e afirmamos a necessária continuidade de enfrentamento ao genocídio da juventude negra no Brasil através desta e novas ações socioeducativas que assegurem o lugar e os protagonismos de jovens.

2- JUVENTUDE(S) ATLÂNTICA(S): O QUE É SER JOVEM AQUI E LÁ?

Há um relativo consenso entre os autores sobre o aparecimento da categoria social juventude com surgimento na modernidade. A juventude, nesse contexto, é entendida como uma etapa da vida situada entre a infância e a vida adulta, na qual o sujeito transita entre uma relativa liberdade em fazer determinadas escolhas e a contenção de critérios que o colocaria como adulto. Mais que uma etapa etária, que convencionada a ser compreendida entre 15 a 29 anos, a juventude é também uma categoria sociológica atualmente investigada por correntes diferentes, em se tratando de um fenômeno que atinge uma expressiva parcela da população mundial.

Segundo Relatório de Desenvolvimento Humano da Organização das Nações Unidas (ONU, 2014) que tem como foco de análise “sustentar o progresso humano: reduzir as vulnerabilidades e reforçar as resiliências”, a população jovem no mundo é de 1,8 bilhões de pessoas. Cerca de 25% da população mundial está situada na faixa etária de 10 a 25 anos. Em outro relatório da ONU, da autoria do Fundo de População das Nações Unidas, a juventude é compreendida como etapa de vida indissociável do contexto sociocultural:

Juventude refere-se à fase de vida situada entre a infância e a idade adulta. Trata-se, portanto, de uma etapa de aquisição das habilidades sociais, atribuições de deveres e responsabilidades e afirmação da identidade. As escolhas realizadas nessa fase de vida têm forte influência no futuro, como fator de ampliação ou limitação da vida adulta. Apesar de ter por base marcos etários e biológicos, a definição da população jovem é indissociável do contexto sociocultural, político e econômico. Pode-se falar na existência de *adolescências* e *juventudes*, para expressar a multiplicidade de comportamentos, hábitos e condutas característicos dessa etapa de vida.

As definições teóricas e institucionais de juventude estão direcionadas por dois critérios principais: etário e sociocultural. Para Antonio Groppo (2000):

A juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação comum vivida por certos indivíduos. (GROPPO, 2000, pág. 8).

Segundo o autor, as vivências juvenis passam pela formação de grupos diferenciados de acordo com símbolos e estilos adotados por cada grupo em particular, inclusive, nos casos que há coincidência étnica, de classe, gênero e localidade. A diversidade sociocultural contemporânea é entendida como uma das provas das culturas juvenis. O entendimento desta diversidade é combinado com outras categorias com realidades sociais que podem ser contraditórias: classe social, extrato social, etnias, gêneros, oposição urbano-rural, relação nacional-local, global-regional. (GROPPO, 2000).

Para sociologia da juventude, as diferenças sociais que existem entre os jovens devem ser vistas atreladas às relativas similaridades (situações, expectativas, aspirações, consumos culturais). Pois não se pode englobar num mesmo grupo indivíduos que, apesar de se identificarem como pertencentes a um sentimento comum, em presença de outras gerações, são vinculados às classes sociais, grupos ideológicos ou grupos profissionais diferentes. (PAIS, 2003).

Na realização de entrevistas compreensivas com educadores sociais e jovens (MORAES, 2017), solicitamos que nos contassem como percebem a juventude. As respostas variaram entre a ideia de uma faixa etária específica, do contexto sociocultural e da juventude como problema-social. Concomitante à ideia dos autores citados, os educadores e jovens percebem a singularidade e diversidade da categoria sociológica juventude a partir dos vínculos e relações que estabelecem. Vejamos:

*Eu entendo juventude já começando da adolescência, até os trinta anos, hoje né? Até os trinta anos porque a gente vive uma fase. Eu, por exemplo, com 25 anos eu não me enxergo como uma adulta, eu me enxergo como jovem e aí uma jovem que enfrenta diversas questões na sociedade, que é uma jovem confusa em questões, que está num momento de escolha. Então eu encaro juventude como uma fase da vida em que a gente toma decisões. Escolhas. Uma fase definitiva para vida da gente.
(Coordenadora Articuladora do NUFAC, Brasil, 25 anos).*

Eu entendo juventude como ansiedade de vida. De fato, hoje em dia, o tempo acabou se tornando curto. As nossas demandas vão aumentando e quanto mais aumenta, menos tempo a gente tem. Eu vejo uma juventude

ansiosa, porém, consigo enxergar muito mais qualidades do que defeitos. A maioria das pessoas só falam defeitos, eu consigo ver mais qualidades.
(Educador Social do NUFAC, Brasil, 34 anos).

Observamos nos relatos acima dos educadores no caso do Brasil, atuantes no NUFAC (Núcleo de Formação de Agentes da Cultura da Juventude Negra)³, que a condição etária aparece como etapa significativa de escolhas e de mudanças na vida, de transições. Outros elementos apresentados se referem à juventude atrelada à velocidade, à ansiedade, estado ou condição relativamente comum na sociedade contemporânea, com tempo/espço definido pela produtividade, pelo acúmulo de imagens, informações e conhecimento, próprios de uma sociedade marcada pelas influências neoliberais.

Em grupo focal realizado com dezessete jovens, do sexo feminino e masculino, com idades entre 15 e 21 anos, no Brasil e em Portugal, perguntamos o que eles entendiam por ser jovem:

Eu acho que é liberdade. Porque eu acho que antigamente não tinha tanta liberdade do que a gente tem hoje, acho que há um pouco atrás vocês tinham que lutar muito mais até por estudo. Hoje temos projetos, ONGs e o Estado nos oferecem coisas e liberdade para lutarmos pelo o que queremos. Então hoje eu faço mil e uma coisas.
(Washington, 21 anos, Ensino Médio).

Eu concordo discordando. Não é que ele esteja errado, mas eu vejo por outro olhar. Que hoje em dia para você ser jovem do subúrbio você precisa saber como se vestir, como você andar. Por exemplo, seu boné não pode ser aba reta, seu boné não pode ser da Nike, porque criaram facção com o boné dessa marca. De noite você fica assustado para chegar em casa, sua mãe fica ligando para saber onde você está. Rola tiro, bala perdida, está sendo muito comum hoje em dia nos bairros. E na verdade não é bala perdida, é bala achada, quem sofre é quem não tem nada a ver.
(Milton, 25 anos, Ensino Superior, Brasil).

Eu concordo também com isso. De certa forma, eu falei da parte boa, mas tem esse contraste do bom e ruim, gera esse preconceito porque eu se entrar no ônibus e tiver um cara com boné sentado eu não sento, eu prefiro ficar em pé. Então, são coisas que falamos do bom e ruim da situação.
(Washington, 21 anos, Ensino Médio, Brasil).

³ Mais informações disponíveis em: <https://cipo.org.br/nufac-nucleo/>

Ao tempo em que os jovens percebem uma relativa liberdade para determinadas escolhas, confrontam-se com a violência, presente nos cotidianos das comunidades. A ideia da quantidade de projetos e ONGs, especialmente na região do subúrbio ferroviário, faz com que o jovem Washington idealize uma juventude que vem sendo amplamente contemplada pelas ações institucionais. Adversamente, é contrariado, com alerta de outro jovem que diz das experiências de ser confundido com “envolvidos”⁴ na criminalidade do tráfico de drogas e como é relativizada a ideia de “ser jovem livre”, por precisar estar sempre vivendo situações de tensões (a exemplo das balas “perdidas”).

Para estes jovens, a concepção de juventude está situada, desta maneira, na condição de ser livre, que varia a depender da classe social, gênero e etnia/raça. Os jovens dos bairros da elite das cidades urbanas não vivem as mesmas experiências em relação às trocas de tiros ou de serem confundidos com jovens das facções. Raça e gênero demarcam o genocídio no Brasil: os jovens do sexo masculino são os mais assassinados. A cor da pele do jovem negro é criminalizada na sociedade racista. Estatisticamente, os jovens negros do sexo masculino são as maiores vítimas de violência por arma de fogo. Portanto, entendemos que “ter liberdade” é circunstancial, por se tratar diferentemente os jovens não negros e os jovens negros e moradores de comunidades periféricas no Brasil.

Duas tendências são discutidas pela sociologia da juventude no que se refere à concepção de jovem. A primeira delas entende juventude como conjunto social, pertencente a uma fase de vida, identificado por aspectos uniformes e homogêneos. Tais características semelhantes representariam, nesse sentido, uma cultura juvenil compreendida por termos etários. A segunda ideia percebe a juventude como um grupo heterogêneo, diversificado e pertencente a diferentes classes sociais, situações econômicas diversas, interesses e oportunidades ocupacionais não semelhantes. Logo, nessa tendência a juventude é constituída por diferentes situações sociais. A primeira corrente pode ser entendida como corrente geracional e a segunda como corrente classista. (PAIS, 2003).

⁴A expressão “envolvido” é utilizada cotidianamente no Brasil para denominar o jovem que possui vínculo com grupos de tráfico de drogas ou outras práticas ilícitas.

Os problemas que afetam a juventude caracterizando-a, em alguns contextos, como “problema social”, atingem jovens de diferentes classes, etnias e contextos sociais. No entanto, a depender da raça/etnia, condição econômica e política instituída, estes problemas tendem a se modificar. Por exemplo: identifico, através de dados secundários e das investigações feitas, que os problemas mais evidentes em relação à juventude no Brasil se referem à mortalidade da população jovem negra. Em Portugal, a crise de emprego e a instabilidade, que é extensiva a toda Europa Ocidental, tem afetado diretamente os jovens em seus trajetos de vida. No entanto, para os jovens negros, a violência é um problema tanto no Brasil como em Portugal.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, os jovens entre 15 e 29 anos correspondem a 23% da população brasileira, somando mais de 47 milhões de pessoas. Na Pesquisa Nacional sobre Perfil da Opinião dos Jovens Brasileiros (2014), realizada pela Secretaria Nacional da Juventude (SNJ), foram coletados alguns dados significativos, especialmente no que se refere à problemática da condição da juventude no país. A investigação foi realizada em 187 municípios, contemplando as 27 unidades da federação (26 estados das cinco regiões brasileiras adicionado o distrito federal). A amostra contou com 3.300 entrevistas realizadas com jovens de 15 a 29 anos, apresentando considerável representação da população jovem (das áreas rurais e urbanas).

A pesquisa da Secretaria Nacional de Juventude mostrou que 80% dos 3.300 entrevistados são negros e pardos e há diferenças significativas na situação de formação, da inserção no mercado de trabalho, de constituição de família e da maternidade/paternidade na juventude. Os jovens de 15 a 17 anos, em sua maioria, estudam, não são casados, não estão no mercado de trabalho e não têm filhos. Já para os jovens de 25 a 29 anos, a situação se inverte. Para os jovens de 18 a 24 anos, existe um desafio de conciliar estudo, trabalho e família. (Secretaria Nacional de Juventude, 2014).

Histórica e socialmente, a juventude brasileira em situação de vulnerabilidade, especialmente pretos, pardos e indígenas, são descritos como “problema social” principalmente pela mídia e vista como “alguém que deve se esforçar para alcançar o que deseja”. Essa é uma frase muito utilizada no cotidiano quando se trata de discutir sobre juventude. Na medida em que a sociedade

incorpora o discurso neoliberal de desenvolvimento pessoal e de estratégias eficazes, a lógica de mais independência e menos ação do Estado vigora-se como legítima, avançando no individualismo e na responsabilização do sujeito sobre todas as ausências de oportunidades e sobre a negação dos seus direitos.

Por outro lado, é reconhecido como capaz o jovem que apesar das adversidades encontra oportunidades de crescimento em seus trajetos e faz delas conquistas, visto, por exemplo, nos discursos das teorias do empreendedorismo. Os demais, não souberam “aproveitar” as situações positivas. Ocorre que os paradoxos e as complexidades fazem parte da vida da população jovem que não possui o mesmo capital cultural de um jovem da elite brasileira, que geralmente são jovens não negros. Ser negro, pobre e morador de periferias, caracteriza esse jovem com menos chances de alcançar determinadas oportunidades, em contrapartida, as chances de ser seduzido pelo modo de vida da marginalidade e comportamentos “desviantes” aumentam.

Para identificação da população jovem negra atendida pelo Plano Juventude Viva no ano de 2015, registramos o diálogo com a coordenadora da política pública:

O jovem do Juventude Viva é aquela pessoa que está envolvida em situações limite. De conflito com a lei, ou de alta vulnerabilidade, que corre o risco de perder a sua vida no mundo do crime, vamos dizer assim, é uma pessoa que a gente precisa reconhecer que ela provavelmente já teve vários outros direitos violados ali na sua trajetória, como criança, adolescente ou jovem e vida adulta também. Será que essa pessoa teve educação de qualidade? Será que essa pessoa teve o direito a um trabalho decente, garantido? Será que essa pessoa teve uma moradia digna? Teve o direito à cidadania garantida? Será que ela teve oportunidade de ir procurar emprego de ter como acessar um meio de transporte para ir procurar um emprego, um trabalho ou uma escola? Reconhecer que as pessoas que estão na mais alta situação de vulnerabilidade, seja população de rua, seja o jovem que está em território com auto índice de homicídio, que está envolvido com o tráfico de drogas, enfim, ou que está saindo de um sistema sócio educativo ou de um sistema prisional. Que está num ciclo em que a violência é um dos elementos, vamos dizer comum. (Coordenadora Nacional do Plano Juventude Viva, 2015, Brasil).

As perguntas feitas pela coordenadora em sua narrativa, nos informa sobre a condição de vulnerabilidade dos jovens negros: são moradores de aglomerados urbanos, com pais que possuem baixa escolaridade, geralmente moram com mães, tias e avós, possuem mais de dois irmãos, nem sempre alcançam o ensino

médio regular, buscam trabalho ou alguma forma de sustento, desde a infância. A negação de direitos como saúde, moradia, escolaridade, alimentação é uma constante desde antes do seu nascimento. Por tal contexto, vale destacar que os trajetos são diferenciados, e afirmar igualdade de oportunidades nessa relação desigual parece utópica.

Chamamos atenção para a expressão utilizada na narrativa “*ciclo em que a violência é um dos elementos, vamos dizer **comum***”, a palavra comum, está empregada no sentido de reconhecimento de uma maioria, quando, o comum seria ser incomum. Contradições das desigualdades raciais e sociais internalizadas numa sociedade construída na base da exploração e da relação de acúmulo de capital em detrimento do coletivo.

Pensar a juventude através de uma concepção de “problema social”, responsabilizando os jovens individualmente pela entrada no mundo da marginalidade e prolongamento de situações de delinquência, como se o contexto social e econômico desestruturado fosse parte de suas escolhas e não consequência de um ciclo social e histórico, omite o Estado e a sociedade na verificação das carências de uma expressiva parcela da população.

A ideia de juventude como fase preparatória para o futuro ou parcela da população que é autora de problemas sociais perdurou no pensamento social moderno, e, a partir dos anos de 1990, no Brasil, influenciado por movimentos sociais, ganha fôlego a ideia de pensar a juventude em suas especificidades legais, econômicas, políticas, étnicas raciais, culturais, ou seja, em sua diversidade.

Sendo assim, não existe apenas um ser e estar jovem na contemporaneidade, e sim, juventudes, pluralizando o termo juventude, que é diferenciado, na contemporaneidade:

Não há uma forma de transição para a vida adulta: haverá várias, como várias serão as formas de ser jovem (segundo a origem social, o sexo, o habitat, etc) ou de ser adulto. Como é que os jovens encarariam, nessa transição, a sua condição, quais seus valores, os seus planos de vida, as suas estratégias em relação ao futuro, aos seus modelos de identificação social, enfim, os seus modos de vida? (PAIS, 2003, p. 44).

Portanto, na corrente classista, as desigualdades sociais marcam os caminhos da juventude, pois, para esta corrente, as culturas juvenis são sempre culturas de classe, resultado de oposições entre estas. As “trajetórias e as relações,

o território e o tempo histórico admitem condicionalismos, mas não determinam o percurso dos jovens”, haja vista que, cotidianamente, “novos campos de possibilidades” surgem como outros possíveis caminhos.

Os jovens em Portugal, assim como os jovens brasileiros, nomeadamente os jovens portugueses descendentes de pais vindos do continente africano (aqui neste artigo apresentamos narrativas de jovens que descendem de famílias cabo-verdianas) as desigualdades marcam seus trajetos e sonhos. As experiências de desejo de liberdade, fragilidades no avanço da escolarização, presença de preconceitos pela sua pertença, etnia/raça e situações de violência nas comunidades são frequentes nos relatos dos jovens e nas mídias, talvez ainda não “comuns”, como parece ser na vida de jovens brasileiros, para os quais, viver é mais ainda problemático do que ter um emprego.

A pesquisa Jovens em Portugal: análise longitudinal de fontes estatísticas (1999) investigou, via Secretaria de Estado da Juventude e Observatório Permanente de Juventude Portuguesa, do Instituto de Ciências Sociais, mais de quatro décadas a população juvenil (de 1960 a 1997) através dos indicadores: demografia, família, educação e formação profissional, emprego e desemprego, saúde e condutas de risco, sinistralidade e justiça. A investigação recolheu dados a fim de identificar as linhas evolutivas da condição juvenil no país nas variadas dimensões vivenciais e situacionais.

O estudo nos informa que uma das metas da pesquisa é o “desenvolvimento de políticas orientadas para inserção socioprofissional dos jovens, conceito que dá conta do período que medeia entre a saída dos sistemas de ensino ou de formação e obtenção de um emprego” (FERREIRA, 1999, p. 117).

Nas últimas décadas, os jovens portugueses vêm prolongando a dependência da família de origem, resultantes das transformações estruturais e globais que tem vindo afetar a vida social e econômica, especialmente dos jovens. O tempo de vivência na juventude vem se prolongando considerando que um dos dados para ser adulto é o prolongamento estável no mundo do trabalho. Quer dizer: a autonomia financeira dificultada, as novas condições de entrada no mercado de trabalho (muitos jovens portugueses só encontram trabalho

temporário na modalidade part-time⁵), dificuldades da inserção socioeconômica também por parte das famílias, dão um panorama de como os jovens portugueses são atingidos pela crise econômica. Seus trajetos passam a ser afetados pela alternância entre inatividade, desemprego, empregos precários, entradas e saídas das instituições de ensino formal e cursos de formação profissionais. (FERREIRA, 1999).

Não obstante, não só o quesito desemprego desafia os jovens portugueses, os diferentes rumos juvenis dependem do mercado de trabalho, da educação, dos padrões de vulnerabilidades, de inclusão e de exclusão social, da participação social e política, das concepções de corpo, sexualidade, gênero, prazer, assim como as culturas juvenis, estilos e estratégias de comunicação. (PAIS; BENDIT; FERREIRA, 2011).

No contexto das sociedades contemporâneas europeias, os jovens descendentes da população imigrante enfrentam alguns desafios próprios das comunidades multiculturais: a integração com a língua do país de origem da família (Cabo Verde- crioulo caboverdiano) e do país que nasceu (Portugal- Língua Portuguesa); adequação ao sistema de ensino academicista, eurocentrado e tradicional, que possui currículo único e homogêneo, quase sempre não contemplando a sua cultura de origem, numa perspectiva etnocêntrica em detrimento do interculturalismo; dificuldade de acesso aos bens culturais não públicos; baixa escolaridade dos pais; hibridizações na construção da identidade cultural e étnica-racial, entre outros.

Treze jovens portugueses negros que fizeram parte da pesquisa que dá origem a esse artigo são portugueses filhos de cabo-verdianos e um deles de nacionalidade caboverdiana. O jovem cabo-verdiano, participante da pesquisa, chegou em Portugal aos três anos de idade trazido pelos pais que migraram para o país em busca de trabalho.

Através de observação sistemática realizada no projeto social advindo da política de juventude investigada, nos registros do diário de campo e nas

⁵ Na tradução "tempo parcial". Tempos atrás era comum. Um emprego part-time geralmente paga menos do que um emprego full-time, e possui menos horas de trabalho por semana. Geralmente os trabalhadores não têm nenhum benefício garantido (como plano de saúde) com empregos part-time.

entrevistas individuais e grupos focais, identificamos que os jovens negros em Portugal se constituem de maneira identitária em confluência com as mídias, as relações na comunidade que residem, nas escolas e nos projetos sociais de inclusão desta população. A realidade destes jovens, além de estar condicionada pela crise econômica que atinge a Europa Ocidental, agrava-se pelos condicionantes de etnia/raça e classe social. Na descrição de como são representados estes jovens, “cabo-verdianos nascidos em Portugal” como muitos deles denominam, utilizamos um trabalho etnográfico que debate a recriação das identidades juvenis entre os jovens de descendência africana na área metropolitana de Lisboa, nomeadamente a região mais periférica chamada de Amadora:

Os acadêmicos, através de seus discursos, procuraram, durante muito tempo, impor o conceito de Segunda Geração aos filhos de imigrantes, o que para os envolvidos pouco se aplica e pouco significado tem. No caso dos filhos de imigrantes africanos de ex-colônias portuguesas em Lisboa, consideram-se tanto portugueses como africanos por diferentes motivos. Ainda que estes jovens descendentes de imigrantes gostassem de ser como os outros jovens (nacionais/brancos), não o são. Assim, eles lutam diariamente para construir uma identidade que, para além de Portugal e de África, se baseia em elementos geracionais e culturais, como forma de diferenciação dos outros. À sua maneira, estes jovens tentam ser simultaneamente africanos e portugueses, construindo identidades complexas, fundadas em estigmatizações sociais, na discriminação e em desigualdades raciais e de gênero, como uma estratégia de lidar com a sua experiência cotidiana (PADILLA, 2011, P. 159).

Dessa maneira, a etnografia realizada com jovens filhos de cabo-verdianos, identifica que estes jovens se sentem pertencentes, simultaneamente, pela ocorrência geracional e cultural, as matrizes africanas e as matrizes de Portugal. Coadunamos com a ideia, afirmando que alguns dos jovens expressam que são “tugaverdianos” por terem nascido em Portugal, entretanto, serem cabo-verdianos, assim como seus pais. Outra expressão utilizada por autores em Portugal é o termo “luso-africano”⁶, não sendo reconhecido por militantes do movimento negro em Lisboa que se afirmam africanos, reafirmando a pertença em África na língua, artes, costumes familiares, ancestralidade, coletividade, vestimenta, cultura visual, entre outros elementos.

⁶ Ver em: Expressões do racismo em Portugal. VALA; BRITO; LOPES (1999).

Para compreender a juventude negra, descendente de africanos advindos de Cabo Verde, elegemos dois grupos focais com a intenção de conhecer o contexto do bairro social e, especialmente, os jovens desta comunidade. Para tanto, em um dos grupos, questionamos como eles percebiam as escolhas dos jovens que conviviam com eles no bairro do Zambujal:

Os jovens gostam de fumar. (Iasmin)

Na verdade, eles gostam mesmo é de fazer barulho. (Maria)

Os jovens gostam de jogar. (Hilana)

Mas alguns gostam de estudar, sair com amigos. (Iasmin)

Sim! Conviver com os amigos. (Hilana)

Na minha opinião, acho que os jovens de agora querem boa vida: dormir (vou explicar), ir para festa, trabalho que é bom, nada! Essas coisas todas. Eu penso isso na minha opinião, porque tem muitos jovens da minha idade que não fazem nada. (Maria)

Muitos jovens não são estruturados a nível de família. Não tem uma família estruturada. (Iasmin)

Mas tem muitos deles que tem uma boa educação em casa, mas não aproveitam. (Hilana)

Mas os jovens vão em busca dos seus sonhos e objetivos deles. Eu conheço alguns aqui no Zambujal, mas são poucos. (Iasmin)

Os jovens têm problemas de integração na sociedade, ou mesmo em casa, que não ficam bem resolvidos. Então quando vamos para escola, ou até mesmo nas ruas, acabamos por confundir as coisas, como falamos com as pessoas por exemplo. Se eu tiver algum problema em casa, não ia ter esse diálogo assim como estou tendo consigo, assim, de uma forma assertiva. Também ao nível de falta de oportunidades, a nível de educação, de ofertas de empregos, passa muito por aí. A nível de Zambujal, por exemplo, existem muitos jovens que não tem o que fazer, a vida é sempre a mesma coisa, a mesma rotina. Então não existem coisas para eles fazer e progredir. Acho que os problemas passam por aí. (Lucas)

Existe nas narrativas um misto de compreensão da juventude numa perspectiva unitária, como problema social, vivido pelos jovens em seus percursos ou observado por eles em seus pares, e ainda propagado pela mídia, na ideia da reprodução de uma juventude que viola regras e não se adequa ao contexto econômico de desenvolvimento. Em contrapartida, percebemos que um dos jovens (inclusive entre estes é um jovem que já vive a experiência do mercado de

trabalho informal) diverge das jovens anteriores enfatizando que as oportunidades e ofertas de emprego não chegam a todos e que a educação e a vida familiar também apresentam problemas.

A caracterização dos jovens “filhos de imigrantes africanos” nascidos em Portugal passa pela relação de formação de uma identidade hibridizada (cultura luso-africana), na medida em que constroem uma nova “Cultura Juvenil Negra em Portugal” (CONTADOR, 2001). No estudo sobre a problemática que circunda a inserção da cultura juvenil negra em Portugal, Contador (2001) nos alerta sobre a controvérsia das definições utilizadas para caracterizar os filhos dos imigrantes PALOP⁷ que foram para Portugal a partir das décadas de 1960. Os fundamentos para defini-los como “segunda geração de imigrantes”, “novos luso-africanos”, põe em xeque mecanismos de caracterização que diferencia, pela via do poder social, os portugueses (não negros) e os portugueses oriundos das “minorias étnicas”.

As origens étnicas e culturais são tomadas como princípio de caracterização e diferenciação de culturas juvenis. Tal cultura é reconhecida entre os jovens pela estética juvenil negra e pela musicalidade da negritude presente nas suas representações sociais, nos bairros sociais, nas escolas, nos espaços diversos de interação. Uma mistura dos ritmos e músicas afro-americanas com ritmos presentes nas músicas africanas tradicionais que institui um lugar de pertencimento híbrido.

As consequências das diásporas produzem novas culturas juvenis e são representadas pela imersão com destaque nas sociedades contemporâneas. No caso dos jovens negros em Portugal, há uma espécie de transição, o que Stuart Hall vem chamar nossa atenção denominando de “tradução”.

Para ele, esse conceito descreve aquelas formas de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, composta por pessoas que foram dispersadas de sua terra natal. “Essas pessoas retêm fortes vínculos com sua terra de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado” (HALL, 2006, p. 52). Essas culturas são negociadas pelos sujeitos sociais, nos referimos aos jovens negros nascidos em Portugal, que não se identificam como “segunda geração” ou mesmo “luso-africanos” e recriam uma identidade cultural sem

⁷ PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

assimilar naturalmente a identidade da terra onde nasceram, nem mesmo recebem pacificamente as culturas étnicas das suas origens, recriando-as.

Para ilustrar essa relação da cultura juvenil contemporânea, que tem, tanto no Brasil como em Portugal, um destaque para estética negra e para a militância. Militância entendida aqui como pertencimento e implicação com uma produção cultural que denuncia condições sociais “irregulares”, ou dizendo no discurso sociológico: enfrenta a criminalidade e aborda criticamente as desigualdades sociais. Utilizamos o rap, estilo de música que é uma expressão latente da cultura juvenil afrodescendente:

Odisseia di dizempregu⁸ (crioulo cabo-verdiano)	Odisseia ao desemprego (português brasileiro)
<p>Labanta cedo, travessa tejo pedreru ka ta importa tempo, kré ou ka kré pa mi é kel mé sem docu na explorason nu ten ki kumé dja da hora sai laba só baxo suvaku nta bai ku medo ka da ku sef na barko Outra vez greve, també e ska sta recebi Uns cienti entendi, otus sta ofendi Multidon na stason, n sendi un cigarru Kau sta sob tenson, spian un kanto un banko, deskansa mais un poko obra foi sufoco, forti dor na korpo Na nha bera suor ta tchera ku bagassu dan pan tra cansera, alivia cansassu puxa mais um di massa alguen reclama trabadja, és kata paga, tika ta fla nada mi ku konta pan paga, djentis li ta abuzo É Mudjer ku FMI Stampadu na Blusa Foniz mais imposto, di longi um rosto é um kota é fla num tom di revolta</p> <p>trabadja vida, interu, undi dinheru? nha fidju sem empregu quase sta fika sem tectu Governo, ta tra di povo ta da na bankeru Kasu BPN, face oculata ka num segredu</p>	<p>Narrador: Acordo sempre antes do sol, atravesso o Rio Tejo Sou pedreiro, e não importa o tempo Doente ou não, isso também não importa Sem documentos, tenho de me sujeitar à esta exploração, os meus filhos têm de comer.</p> <p>É hora de sair, só tenho tempo para lavar o sovaco e vou correr com medo de defrontar com operação do SEF na Estação do Barco. Greve outra vez?</p> <p>Trausente: Há muitos meses que não recebem o salário!</p> <p>Os cientes percebem-nos, os otários ofendem-nos</p> <p>Narrador: A multidão preencheu a estação. Acendi um cigarro, Estou sob tensão, procurei um canto, um banco, descansar um pouco. Obras é um sufoco. Dores em todo corpo. Atravessa-me o cheiro do suor misturado com bagaço.</p> <p>“Passa-me à garafa para aliviar o cansaço “ Tirei mais um cigarro, ouvi alguém a gritar: Senhora indignada: Trabalho e não me pagam, não dizem nada.</p>

⁸ A música foi apresentada na língua que é cantada, o crioulo cabo-verdiano, e, ao lado acrescentamos a tradução completa disponibilizada pelo autor. A opção por apresentá-la na sua letra original justifica-se por acreditar que este é um espaço de conhecimento e divulgação da língua de Cabo Verde e em respeito a autoria. Salientamos que o crioulo cabo-verdiano é falado em Portugal pelos africanos e afrodescendentes, em sua maioria, e cantada pelos jovens através do rap, do funaná e outros estilos musicais. Agradeço ao autor Lbc Soldjah (Flávio Almada) pela autorização de uso da música neste trabalho acadêmico.

<p>N odjal kel omi, striba tudo si vida Oji talvez família té sta passa fomi N pensa na mi, na kes sem dokumentu e voz di didi ben na nha pensamentu é preciso residencia pa contrato di trabadjjo é preciso contrato pa residencia nha manu ano passado n trabadja patron ka pagan sin ba quexa nsta corri risiko sef deportan Será ki bali da na duru, e fika na porra? kusas ta midjora, ta manxi ta piora cabeça ta tora, nka sabi sé di obra ou bebida, porra dja sta li 3 hora si barku dura nta tchiga lá 2 e tal Torna cori 5 e tal, sigui mesmu ritual kel hora lá minis dja na kama na mesmu kasa odja só fim de semana xan panha ar, spia pa mar n pensa conbersu didi ka sain di cabeça sem contrato ses ka pagan é fronta mo kin ta paga conta, movel sta toka</p> <p>mas tu tás aonde, ainda o barco não chegou só daqui uma hora , não ti preocupes, já vou soflusa está em greve! para di inventar deves estar a beber , eu vou dormir sempre a mesma coisa, não quero discutir</p> <p>abó é di undi na cabo verdi, praia nsta li desdi di 80, nunka un odja assi dja foi midjor, obi li rapaz nobo</p> <p>mi djan ten ki conta, caminhu incerto strangeru é fronta ka morada certo ser spertu, djuguta pa bu ser feliz bu sta nobu, devia saíba des paíz abó anos li gosi, nem obra ka sta parsi FMI undi é parsi, só miséria ki ta nasi Ami kusé nta fasi, corpo dja ka bali nada Só trabadja, dja nka podi nem inbaxa Colunadja kaba, nmaridu mesmu kusa Só obra algarve na friu na tchuba Ali ka bali pena, dja nu ka podi ku renda nu tinha vivenda na santa Filomena cambra romba, mandan pan ba nha terra flan mé nós ki teni paíz na miséria</p>	<p>Tenho contas para pagar, essa gente abusa Narrador: É uma mulher com FMI na camisa Fonix mais imposto. E doutro lado ecoou mais uma outra voz É um senhor de idade num tom de revolta:</p> <p>Idoso reformado: Senhor, eu não queria fazer isso, mas escuta. Trabalhei desde novo, descontei durante todos esses anos, todos os meses e agora não recebo nada. A reforma não é suficiente nem para comprar os medicamentos. Eu tenho sete filhos para sustentar. Senhores, parem com esta brincadeira, isso não dá, assim não dá.</p> <p>Narrador: Observei aquele senhor que sacrificou a vida toda Hoje talvez a família até está a passar fome Lembrei de mim, dos imigrantes «ilegais» A voz do Didi atravessou-me à memória</p> <p>Vozes do Didi: É preciso uma residência para ter um contrato de trabalho É preciso também um contrato de trabalho para obter a residência No ano anterior, trabalhei, o patrão não me pagou o salário Nem posso queixar, corro o risco do SEF me deportar</p> <p>Narrador: Será que vale a pena sacrificar, e ficar na merda? As coisas estão a ficar cada vez piores Estou com tonturas, não sei se é do trabalho ou da bebida Kara-alho, já estou aqui há mais de três horas Se o barco demorar, chegarei às duas e tal Depois tenho de acordar as cinco e tal, seguir para o mesmo ritual A essa hora os meus filhos estão a dormir Vivemos na mesma casa, só os vejos no fim de semana Preciso apanhar ar, contemplei o mar E as palavras do Didi ainda gritam na minha cabeça Sem contrato de trabalho, se o patrão não me pagar, estou lixado. Éh pah, O meu telemóvel está a chamar.</p> <p>Narrador - alô! Mulher do Narrador - Mas tu tás aonde? Narrador - estou no Barco! Mulher do Narrador - deveres estar a beber! Narrador - ham Mulher do Narrador - olha, eu vou dormir, amanhã acordo às 4 da manhã para ir trabalhar...</p>
--	---

<p>krisi tchiga és sta ta kulpanu troika ke deve ser deportaddo</p> <p>nem ka bu liga és ta papia mesmu atoa um branku português ki ta fala krioulu é segundo lingua mais faladu na Lisboa flan kantu tuga sta spadjadu na globo?</p> <p>O barco já vai sair, na meio multidon un obi voz ku paixon, tchoman atenson estamos assim homem que faz o pão não tem para comprar pao, todos a manifestação</p> <p>benvindo dia a dia di um trabadjador bale pena luta pa ka fika mais pior pa nós futuru ka ser mais ki si amputado labanta braço e manti punhu fitchado Nova desodem Mundial</p>	<p>Narrador - sim, sim, siim. Mulher do Narrador - o senhorio veio cá e deixou a ordem de despejo. Narrador - esse homem também ... Mulher do Narrador - também chegou a carta da Cresce, ainda nem pagamos o mês anterior. Narrador - credo, chata, tudo isso, de uma vez só... porra...</p> <p>Narrador: Muitos pensamentos encheram o meu espírito Umás ideias violentas, preciso sair desta situação Pensei até em «comen» esses gajos do banco, mas deixa estar Uma senhora aproximou-se de mim e disse: Senhora imigranta: “Tenho muito que dizer, meu caminho é incerto Ser imigrante é um inferno, não há morada certa Seja esperto, luta pelas melhores condições de vida És jovem, devias abandonar este país Neste momento, já nem na obra encontramos trabalho Narrador - Hehh, Onde chega o FMI, a miséria é a única a aumentar Senhora Imigranta- “Não sei o que fazer, meu corpo já está desgastado, De tanto trabalhar, já nem posso abaixar-me Problemas de coluna, o meu marido está com os mesmos problemas Fruto dos trabalhos das obras, Trabalhou do Algarve ao Porto, no frio, no sol e na chuva Aqui já deu o que tinha de dar e já não suporto esta renda Tinhámos uma casa no Bairro da Santa Filomena A câmara mandou demolir e disseram-nos “voltem para vossa terra, vocês são os culpados pela nossa recessão económica e desemprego. Narrador: Chegaram à crise e estão a culpar os imigrantes Se querem deportar, deviam deportar a TroiKa”</p> <p>Activista dos direitos dos trabalhadores: Aqui em Portugal, nós estamos assim: o homem ou a mulher que produzem o pão, o salário não lhes chega para comprarem o próprio pão que produziram.</p>
--	---

A música “Odissea a desempregu” da autoria de Flávio Almada⁹ (Lbc Soldjah), descreve o cotidiano de imigrantes que vivem em busca de um emprego. A canção destaca questões como “residência” e “contrato de trabalho”, expressões presentes no dia a dia de quem não tem a nacionalidade portuguesa e precisa sobreviver com custo de vida alto em euros no país. Os imigrantes frequentam o SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) e são legalizados ou não por esta instituição que, gradativamente, vem investindo em estratégias para conter o número crescente de imigrantes e “refugiados” que vão em busca de oportunidades de trabalho em Portugal.

A questão do desemprego para os jovens, como abordado anteriormente, aparece em forma de produção de novas culturas juvenis, aqui em destaque a cultura juvenil negra em Portugal. Sobre a música negra produzida pelos jovens em Portugal, Contador (2001) sinaliza que o rap tem como palco a rua, “onde floresce o calão, ‘novilíngua’ que dá corpo as histórias cotidianas. Sendo que essa ‘novilíngua’ é uma língua de fuga, desterritorialização de um conjunto de referências inventariadas e representadas. (CONTADOR, 2001, p. 45). O autor questiona se o rap em crioulo, língua-de-calão, produzido e consumido pelos jovens negros portugueses seria uma “nova” música africana ou uma categoria de rap português negro.

Entendemos que em uma ou outra hipótese, ela representa uma crítica reflexiva da condição juvenil negra experienciada em Portugal, condição vivida tanto pelos africanos, que chegaram para trabalhar e viver neste país (como é o caso do rapper Lbc, autor da composição “Odissea a desempregu”) como dos negros, afrodescendentes, nascidos em Portugal. Estes, por vezes, chamados em debates acadêmicos de “luso-africanos” ou “imigrantes de segunda e terceira geração”. Não os entendemos a partir destas nomenclaturas e reafirmamos que a produção da cultura juvenil negra em Portugal torna-se eminentemente uma estratégia na visibilização do retrato social da população negra neste país,

⁹ Nascido em Cabo Verde, Ilha de Santiago migrou para Portugal quando criança com sua mãe. Mediador social da Associação Moinho da Juventude na Cova da Moura, Mestre em Estudos Internacionais pela Escola de Sociologia e Políticas Públicas do Instituto Universitário de Lisboa, artista, autor e rapper.

marcado pelas desigualdades sociais, raciais, exclusões e violações de direitos (MORAES, 2017).

3- JUVENTUDE NEGRA: VIVA!

As discussões aqui colocadas sobre a população jovem negra nos dois países indicam que a diversidade, a produção cultural e as relações de socialização entre os jovens, anunciadas por eles e elas são pouco visibilizadas. A ausência de compreensão sobre o que é a juventude para além do conceito de “problema social” ou fase de transição entre a infância e a vida adulta impede uma maior implicação da sociedade na garantia de direitos para a população jovem, especialmente considerando raça/cor, situação econômica, social.

Em ambos os países pesquisados, ao dialogarmos com educadores sociais dos projetos, identificamos que em suas formações o estudo da categoria sociológica juventude não aparece como tema central. Observamos a lacuna formativa sobre juventude também nas formações iniciais e continuadas em professores que atuam com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio fechado na pesquisa que analisou a experiência de Pedagogia Social (MORAES, 2011). O que nos faz afirmar que a formação de educadores em espaços de educação social e de professores na educação básica formal precisam incluir o debate intelectual e as práxis de ensino que contemplem o estudo da epistemologia sobre juventude a fim de sensibilizar uma ação formativa que garanta a valorização e saberes da cultura juvenil.

Outro elemento essencial para pensar a continuidade da vida da juventude negra é a participação efetiva de jovens negros nas políticas públicas. Para além de atos de consultas, os coletivos, organizações e grupos artísticos, políticos e culturais, formados por jovens em suas diversas pautas, precisam ser estrategicamente incluídos com poder decisório. No plano Juventude Viva em sua primeira etapa, até a gestão da presidenta Dilma Rousseff foi possível observar e acompanhar jovens sendo educadores de outros educadores o que fomentou um espaço dialógico geracional e participativo.

Na primeira experiência do Juventude Viva, a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), em articulação com organizações sociais de jovens, acolheu

debates em torno da mortalidade da juventude, especialmente em relação aos jovens negros.

De acordo com o Estatuto da Juventude do Brasil (2013),¹⁰ milhares de vidas são ceifadas durante a juventude, na faixa etária compreendida entre 15 e 29 anos. Dados do Ministério da Saúde (2012) mostraram que mais da metade (53,3%) dos 49.932 mortos por homicídios em 2010 no Brasil eram jovens, dos quais 76,6% negros (pretos e pardos) e 91,3% do sexo masculino.

Conforme a Secretaria Nacional da Juventude, a justificativa para ter uma política específica para os jovens negros está nos números: os dados do Ministério da Saúde revelam que mais da metade dos homicídios no Brasil (53%) atinge pessoas jovens, sendo que, deste grupo, mais de 75% são jovens negros, de baixa escolaridade, em sua grande maioria homens (91%) e com maior incidência na faixa etária entre 20 e 25 anos. O quadro da última década mostra que é cada vez maior a diferença entre o número de homicídios entre jovens brancos e negros. Em relação ao primeiro grupo, o número de homicídios caiu de 9.248, em 2000, para 7.065, em 2010. Entretanto, em relação aos negros, os homicídios aumentaram de 14.055, em 2000, para 19.255, em 2010.¹¹

Visando a garantia dos direitos da população jovem o Plano Juventude Viva foi estruturado em quatro eixos: (1) Desconstrução da Cultura de Violência; (2) Inclusão, Emancipação e Garantia de Direitos; (3) Transformação de Territórios e (4) Aperfeiçoamento Institucional. Em cada eixo foram organizadas ações, de modo a garantir a expansão dos objetivos do plano, tais como a ampliação do acesso e a permanência dos jovens negros no atendimento, em educação, saúde, cultura, esporte, lazer e trabalho.

Em todo o Brasil, 132 municípios foram contemplados pelo Juventude Viva. O Nordeste teve o maior número de municípios onde o Plano Juventude Viva chegou e a cidade de Salvador, capital da Bahia, juntamente com outros dezoito municípios baianos, que também foram contemplados, realizou ações pela gerência da Fundação Palmares.

¹⁰ Lei 12.852/2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>

¹¹ Perguntas e Respostas Juventude Viva. Disponível no site da Secretaria Nacional da Juventude: Disponível em: <http://juventude.gov.br/juventudeviva/faq>

O Núcleo de Formação de Agentes de Cultura da Juventude Negra (NUFAC) foi uma das ações realizadas através de editais entre o Juventude Viva e a Fundação Palmares para a implementação de atividades formativas de jovens em comunidades das grandes cidades do Brasil. Em Salvador, na Bahia, o NUFAC aconteceu através da ONG Cipó – Comunicação Interativa,¹² que implementou o projeto, com a participação de educadores sociais e de coordenadores já vinculados à comunidade, o que favoreceu o estabelecimento de laços e o desenvolvimento do trabalho.

Tomar a juventude negra como foco e lente para os cotidianos e experiências, obriga-nos a ter um posicionamento político com/pela/na educação. Nesse sentido, quando a educação e a política pública são determinadas fora das relações comunitárias, quando a sociedade desigual se utiliza da educação para reproduzir e consagrar a exclusão social, quando os rumos contemporâneos do neoliberalismo e da política de centralização econômica nos conduz para o individualismo e vulnerabilidades, a resposta cabe à coletividade: utilizar espaços teórico/epistemológicos, como este, para denunciar, anunciar, indicar utopias e reconstruir sonhos.

Em guisa de (in) conclusão, deixamos para a leitora e o leitor, como inspiração para pensar as nossas juventudes negras, duas imagens dos jovens que participaram da nossa pesquisa, uma no Brasil e outra em Portugal, em quem o protagonismo artístico, cultural e político são os fazeres que apresentam e movimentam as ações da juventude negra.

Imagem 1- Festival Plataforma de Cultura Negra- NUFAC/ Salvador-Brasil



Foto: Stefane Barbosa- Jovem do NUFAC/Plataforma, 2015.

¹² Disponível em: <<http://cipo.org.br/>>

Imagem 2: Festival Dança Cabo-verdiana Funaná- Zambujal- Lisboa/Portugal



Foto: A autora, Grupo de Batucadeiras- Zambujal- 2017.

A importância desta publicação está não só no ato de documentar e registrar investigação, mas, sobretudo, no ato da esperança de que a luta seja mais que o luto, que os corpos jovens negros possam ser-sendo-política-viva na existência em todas as vias, por todos os espaços. Ademais, para que a juventude negra seja inspiração, direito e continuidade. Seja juventude negra VIVA!

REFERÊNCIAS

ALMADA, Flávio. J. T. Z. Os discursos sobre a Cova da Moura: Uma análise crítica e exploratória a partir de alguns conceitos de Frantz Fanon. Dissertação de Mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, 2020. Repositório Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/21783>

BRASIL, Secretaria Nacional de Juventude. Agenda juventude Brasil: quem são... como vivem... o que pensam e o que propõem os jovens brasileiros 2013: relatório preliminar resumido. Brasília, DF: Secretaria Nacional de Juventude, 2014. (Coleção Juventude; Série Juventude Informa, n.1).

DIREITOS da população jovem: um marco para o desenvolvimento. 2 ed. Brasília: UNFPA; Fundo de População das Nações Unidas, 2010.

FERREIRA, Vítor. Emprego e Desemprego. In: FIGUEREDO A. L.; SILVA C. L.; FERREIRA, V. S. (Org.). Jovens em Portugal: análise longitudinal de fontes estatísticas (1960-1997). Oeiras, POR: Celta, 1999.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Os filhos de África em Portugal: antropologia, multiculturalidade e educação. Lisboa: ICS, 2004.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

MORAES, Cândida Andrade de. Por uma Pedagogia Social: práticas pedagógicas em escolas para jovens em situação de privação de liberdade. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2011.

MORAES, Cândida Andrade de; LEIRO, Augusto Cesar Rios. Educação social e políticas públicas de juventude: experiências socioeducativas no Brasil e em Portugal. Revista IberoAmericana de Estudos em Educação, Araraquara, SP, v. 11, n. esp. 3, p.1626-1644, 2016.

MORAES, Cândida Andrade de. Educação social e políticas de juventude no Brasil e Portugal: experiências de jovens afrodescendentes / Cândida Andrade de Moraes. 2011f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

PADILLA, Beatriz. Recriando identidades juvenis entre jovens de descendência africana na Área Metropolitana de Lisboa. In: PAIS, J. M.; BENEDIT; FERREIRA, 2011 (Org.). Jovens e Rumos. Lisboa: ICS, 2011.

PAIS, José Machado. Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003.

PAIS, J. M.; BENEDIT; FERREIRA, 2011 (Org.). Jovens e Rumos. Lisboa: ICS, 2011.

PNUD: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Relatório de Desenvolvimento Humano 2014. Disponível em: PNUD: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Relatório de Desenvolvimento Humano 2015.

VALA, Jorge (Org.). Simetria e Identidades: jovens negros em Portugal. Oeiras, POR: Instituto Português da Juventude, 1999.